

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA

VOZES MULTICULTURAIS EM MACUNAÍMA

Bolsista: Catarina Lemes Pereira, FAPEAM

MANAUS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL  
VOZES MULTICULTURAIS EM MACUNAÍMA  
PIB-H/0138/2013

Bolsista: Catarina Lemes Pereira, FAPEAM  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Msc. Maria Sebastiana de Moraes Guedes

MANAUS  
2014

## RESUMO

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, foi desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP, na área de concentração “Estudos de Literatura Brasileira”. A proposta é a leitura crítica da obra *Macunaíma* do intelectual modernista Mário de Andrade, com o olhar direcionado aos elementos utilizados pelo autor para evidenciar o desvelamento da construção da autonomia social brasileira, apresentada de forma alegórica na narrativa. Para isso, serão realizadas leituras que partem do conceito de multiculturalismo e irão permear os conceitos de polifonia além de se desdobrar em conceitos étnicos de modo a investigar as três raças que formaram as bases do povo brasileiro. O que se espera diante dessa investigação é compreender a desconstrução que Mário de Andrade faz em sua narrativa para então construir a alegoria de uma sociedade ainda em processo de formação e com identidades plurais desencadeadas em seu processo de colonização e que vem ganhando cada vez mais força em prol do advento da modernidade. Desse modo, busca-se conseguir responder às inúmeras lacunas deixadas pela história oficial assim como suscitar novas perguntas diante de novas verdades a respeito de nosso processo de formação de nação.

Palavras chave: multiculturalismo, *Macunaíma*, alegoria, polifonia.

## ABSTRACT

This research, funded by the Foundation for Research Support of the State of Amazonas - FAPEAM through the Scholarship Program for Scientific Initiation - PIBIC was developed by the Group of Studies and Research in Portuguese Language Literature - GEPELIP in the area of concentration "Studies of Brazilian Literature". The proposal is a critical reading of the work of modernist intellectual *Macunaíma* Mário de Andrade, with the targeted elements used by the author to highlight the unveiling of the construction of the Brazilian

social autonomy, presented allegorically in the narrative look. For this, readings departing from the concept of multiculturalism and will permeate the concepts of polyphony plus unfold in ethnic concepts in order to investigate the three races that formed the basis of the Brazilian people will be held. What is expected before this investigation is to understand the deconstruction that Andrade does in his narrative and then build the allegory of a society still in process of formation and plural identities triggered in the process of colonization and it is gaining more strength towards the advent of modernity. Thus, we seek to be able to respond to the many gaps left by official history as well as raise new questions facing new truths about our process of nation formation.

Keywords: multiculturalism, Macunaíma, allegory, polyphony.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. DESENVOLVIMENTO.....	7
2.1 Problemática do processo colonizador e da discussão racial em Macunaíma.....	8
2.2 Apresentação da alegoria na desconstrução do herói brasileiro.....	11
2.3 Polifonia Macunaímica: uma discussão sobre as três raças tristes .....	16
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	21
4. RESULTADOS .....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
5. REFERÊNCIAS.....	31

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre Identidade Nacional a partir da obra modernista Macunaíma, encontra agora nova perspectiva ao ser trabalhada pelo viés do multiculturalismo. Já não há mais espaço para se buscar uma identidade específica, nunca houve, ao menos que se queira encontrar a identidade que se forma a partir da diversidade, do plural, da multiplicidade dos muitos povos que Mário de Andrade buscou alegorizar em sua narrativa e caracterizar como vozes toantes desse País.

Há em Macunaíma, uma série de efeitos que vão se descortinando com sua leitura. Há o humor quase sarcástico e a riqueza de conhecimento cultural sobre o Brasil. Há a dinamicidade da linguagem e a musicalidade da rapsódia, mas há além disso e ainda com maior relevância, aquilo que foi apontado por Antonio Paulo Graça em sua obra A poética do Genocídio, e que talvez seja a mais importante de suas características: há em Macunaíma um olhar denunciador.

Importante olhar por essa perspectiva, uma vez que ela possibilita assimilar melhor a leitura, quando se compreende a proposta de Mário de Andrade ao apresentar uma rapsódia totalmente deslocada no tempo e no espaço e por isso mesmo capaz de abarcar momentos vários que construíram e ainda constroem essa nação.

Mário denuncia toda a gente brasileira desde antes de vir a ser e mesmo depois, quando muito comprometida nesse processo. Denuncia as raças que formaram o País e denuncia as transformações inferidas desse processo. Denuncia a gente da mata com seus provérbios e é feroz ao denunciar a gente da cidade com suas práticas indecentes. Denuncia o urbano, o caótico e ao fazer tantas denúncias acaba expondo sem moralismos o Brasil tal como ele é em sua essência.

Alegoria de um País essencialmente multicultural, Macunaíma é a exposição de um quadro inacabado, com aquarelas vibrantes e traços ainda a serem completados. Macunaíma é a denúncia de um País em constante formação e diante de suas inúmeras necessidades políticas, econômicas, sociais mas, fundamentalmente humanas.

A presente pesquisa objetiva compreender essa denúncia, pelo viés do multiculturalismo, assimilando e contextualizando a importância da problemática racial, na explicação da questão nacional. Para tanto serão necessárias abordagens que se apoiem primeiramente no caráter fluido das identidades, como base da discussão teórica para propor o debate e a reflexão sobre as três raças que formaram o Brasil.

Estas raças dialogarão de modo a responder alguns questionamentos suscitados ao longo desse processo social que teve sua história oficial em grande parte manipulada para dar vazão à voz do dominador, mas que guarda também ainda que camuflada, uma história de sofrimento e inúmeras injustiças que formarão as bases desse país.

A discussão também encontrará suporte na alegoria construída pelo autor, de modo a ressignificar um herói diante dos conflitos de sua própria existência. Essa ressignificação será de fundamental importância para se pensar as três raças<sup>1</sup> apresentadas no texto, atribuindo-lhes o valor adequado diante da representação da narrativa.

No que se refere às três raças, buscou-se pensar amplamente nos traumas vividos por cada um à época da colonização. Traumas esses que justificam muitas anomalias modernas, como a questão do preconceito racial que por anos foi alvo de discussões polêmicas no país e que somente agora, séculos depois parece estar chegando em um nível mais amistoso. Pensar as três raças que formaram o país implica pensar em todo o processo de formação do País como o grande fluxo de imigração e seus interesses econômicos, o tráfico negreiro, a imposição da fé cristã por meio da catequese aos índios e os reflexos de toda essa movimentação no perfil das gerações que se sucederam.

## 2.0 DESENVOLVIMENTO

---

<sup>1</sup> O conceito de raça já não é mais utilizado atualmente nesse contexto, mas será mantido aqui por ter como suporte teórico uma gama de materiais que ainda mantém essa nomenclatura no que se refere às etnias estudadas.

A realização da pesquisa contou com um apoio teórico destinado ao estudo do multiculturalismo, assim como da alegoria e da polifonia. Para introduzir o pensamento de multiculturalismo, foi necessário pensar o processo de formação do povo brasileiro no início de sua colonização e os apontamentos dessa análise constam no capítulo, problemática do processo colonizador e da discussão racial em Macunaíma que apresenta uma dialética entre o passado e o moderno, como bases para compreensão das heranças mantidas no contexto contemporâneo, que são legados de um processo histórico repleto de conflitos.

No capítulo seguinte “Apresentação da alegoria na desconstrução do herói brasileiro” é apresentado o conceito e a dinâmica da proposta de Benjamin no qual Mário de Andrade aparece como alegorizador de imagens fragmentadas que se desconstroem para poder significar. A partir desse capítulo, compreendendo a obra como um todo alegórico é que se justificam as fundamentações políticas e sociais dispostas por todo o projeto de pesquisa, pois somente a alegoria permite olhar uma obra de arte, neste caso uma obra literária, compreendendo-a por meio de um hermetismo que ao mesmo tempo que guarda sua essência artística, revela as críticas do autor.

Compreendendo os conceitos de alegoria apresentados no capítulo anterior, seguimos agora para o estudo da polifonia de Bakhtin proposto no projeto com o sentido de apreender as diversas sociais que compõem a obra de Mário de Andrade. No capítulo “Polifonia Macunaímica: uma discussão sobre as três raças tristes” há a apresentação do conceito de polifonia amarrado ao discurso da rapsódia e às diversas vozes sociais que costuram narrativa. Nesse contexto, essas vozes articuladas são expressões históricas das raças que formaram o povo brasileiro, cujas representações são apresentadas na rapsódia por meio dos irmãos Jiguê, Maanape e o próprio Macunaíma.

Por fim, o que se pretendeu nesse momento da pesquisa foi relacionar os objetivos propostos de modo a compreender em cada um, os mecanismos utilizados pelo autor na construção de sua obra e os possíveis olhares que podem ser destinados às passagens do romance. Por ser obra literária que figura como elemento artístico, há um cuidado em “interpretar” os discursos correntes na rapsódia como elementos que refletem o constructo da nação, pois a essência de uma obra de arte não se ancora em respostas condicionadas às injustiças ou quaisquer outros acontecimentos sociais, no

entanto, ao se pensar o escritor como sujeito histórico situado em um tempo e um espaço, podemos inferir que toda obra parte das experiências desse autor e por isso carrega em seu discurso as marcas de sua vivência.

Tratando-se de Mário de Andrade então, essas marcas se intensificam, uma vez que o autor posicionou-se em relação à realidade de seu país ao longo de toda sua vida. Destinou grande parte de sua caminhada de intelectual, a buscar meios de contribuir para sua nação e isso o fez por meio de manifestos, debates, cartas e também por meio de sua literatura. Macunaíma é portanto, a síntese de sua trajetória no sentido de revelar o Brasil com todas as suas bases, desde os mitos recriados às manifestações urbanas denunciadas, mas ainda sim é, para o sujeito que não busca refletir as problemáticas sociais, um “romance” que nos permite rir e chorar com a trajetória de um personagem que vivencia as maiores travessuras na busca por seu muiiraquitã.

Justamente por esse motivo - a consciência de se estar à frente de uma obra de arte, é que foram escolhidos delineamentos teóricos que possibilitassem, mas não limitassem ou transgredissem, os possíveis descortinamentos da obra. Para esses delineamentos, como já citado, os autores escolhidos agiram de modo a propor possíveis e novas leituras, sem contudo distanciar a obra de sua essência primeira.

## 2.1 PROBLEMÁTICA DO PROCESSO COLONIZADOR E DA DISCUSSÃO RACIAL EM MACUNAÍMA

A questão da formação do povo brasileiro propõe ainda hoje diversos debates, por se tratar de um processo complexo, onde diversas culturas entrecruzadas formaram outras culturas para representar o povo de uma só nação. O próprio conceito de nação foi criado para colocar em ordem as diversas manifestações sociais, culturais e econômicas distribuídas pelo mundo inteiro e dessa “ordenação social” é que surgiram as noções de patriotismo e diversos outros conceitos ligados às questões identitárias, como se para um ser humano existir tivesse que necessariamente ter um sentimento de pertencimento, fazendo do lugar que ele nasce uma parte daquilo que significa seu próprio eu. Por não ser foco dessa pesquisa, não cabe aqui avaliar as positivities ou incoerências desse processo, mas sim refletir sobre os conflitos que se iniciaram a partir dessa nova constituição de sociedade, principalmente no que se refere ao Brasil.

O que a história nos apresenta, é uma formação desencadeada principalmente no momento da colonização na união de negros, índios e europeus, no entanto, sabemos que houve um processo imigratório em grande escala no País, com povos vindos ainda de outros lugares ampliando ainda mais a presença de outras raças no País.

O processo de imigração no País tem início em 1530 quando os portugueses dão início à colonização do Brasil e inicia seu processo de ocupação na área amazônica. Os europeus traziam com eles, muitos africanos que foram utilizados, posteriormente como escravos nas lavouras do café.

O Brasil incorpora em seu território culturas de todas as partes do mundo e isso advém principalmente do grande interesse dos outros povos em povoar um país enorme, com muita matéria prima a oferecer. Graças ao rápido desenvolvimento das plantações de café, esta colonização intensificou-se a partir de 1818, quando vieram para cá os imigrantes de fora de Portugal à procura de oportunidades. Vieram suíços, alemães, eslavos, turcos, árabes, italianos, japoneses, entre outros e ao contrário do que pregam alguns teóricos, o Brasil não era um vazio demográfico a espera de um marco civilizatório e sim um espaço muito bem demarcado com uma forma de vida amplamente constituída. Marcio Souza em sua obra *História da Amazônia* diz que:

“Quando os europeus chegaram, no século XVI, a Amazônia era habitada por um conjunto de sociedades hierarquizadas, de alta densidade demográfica. Ocupavam o solo com povoações em escala urbana, possuíam

sistema intensivo de produção de ferramentas e cerâmicas, agricultura diversificada, uma cultura de rituais e ideologia vinculadas a um sistema político centralizado e uma sociedade fortemente estratificada.”(2009, p. 38).

Sobre o marco da colonização, Márcio Souza nos diz que mesmo com toda essa estrutura, essas sociedades foram derrotadas pelos conquistadores, e seus remanescentes foram obrigados a buscar a resistência, o isolamento ou a subserviência. (2009, p. 38). O autor ainda conclui dizendo que o que havia sido construído em pouco menos de dez mil anos foi aniquilado em menos de cem anos, soterrado em pouco mais de 250 anos e negado em quase meio milênio de terror e morte. (2009, p. 39)

Já é sabido que o processo de colonização foi amplamente traumático tanto para os nativos que aqui viviam quanto para os negros aqui escravizados e o que resultou da confluência das novas etnias que para cá foram trazidas foi o que hoje configura-se como multiculturalismo. Para Chiappini:

“O multiculturalismo pode ser visto como um sintoma de transformações sociais básicas, ocorridas na segunda metade do século XX, no mundo todo pós-segunda guerra mundial. Pode ser visto também como uma ideologia, ou como aspiração, desejo coletivo de uma sociedade mais justa e igualitária no respeito às diferenças. Conseqüência de múltiplas misturas raciais e culturais provocadas pelo incremento das migrações em escala planetária, pelo desenvolvimento dos estudos antropológicos, do próprio direito e da lingüística, além das outras ciências sociais e humanas, o multiculturalismo é, antes de mais nada, um questionamento de fronteiras de todo o tipo, principalmente da monoculturalidade e, com esta, de um conceito de nação nela baseado”. (2001, p. 6)

Não há como negar que, cada vez mais as identidades são plurais e as nações sempre se formaram na diferença, mais ou menos escamoteada por uma homogeneização forçada, em grande parte artificial. O multiculturalismo, por sua vez é hoje aceito como um fenômeno mundial, pois estima-se que apenas 10 a 15% das nações no mundo sejam etnicamente homogêneas.<sup>2</sup>

Ainda segundo Chiappini, é necessário pensar a nação como um constructo, como uma invenção com base em mitos, cuja narrativa silencia fraturas e contradições em uma modernidade cadente com transformações intensas que impedem qualquer discurso generalizante (2001). Portanto, faz-se urgente aceitar, que nem as nações são

---

<sup>2</sup> Informação retirada do site:

[http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=824:multiculturalismo-e-identidade-nacional&catid=95:artigos](http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=824:multiculturalismo-e-identidade-nacional&catid=95:artigos). Acessado em: 10 de julho de 2014.

homogêneas nem a modernidade é linear, mas palco de múltiplas temporalidades que nunca foi possível disfarçar de todo. E as reflexões menos simplificadoras sustentam que a identidade, uma vez inventada e incutida por gerações e gerações, tem uma positividade para o bem e para o mal, servindo tanto para justificar a violência contra outras nações como para defender as mais fracas - econômica, política e militarmente - contra as mais poderosas. Ou seja, essas reflexões, reconhecem que as identidades são históricas e relacionais, mas ainda identidades. Elas também reconsideram como fator enriquecedor o múltiplo pertencimento dos indivíduos, suas ambivalências, as identidades ambíguas que se combinam: continental, nacional, regional, local, de idade, de gênero, étnica, profissional e de classe. A diversidade cultural e étnica é vista como desafio para a identidade da nação, mas também como fator de enriquecimento e abertura de novas e múltiplas possibilidades.

No Brasil, do século XVI ao XVIII, em aproximadamente quinze gerações, consolidou-se a estrutura genética da população brasileira, com o entrecruzamento de africanos, europeus e índios. Ainda, no período colonial, franceses, holandeses e ingleses tentaram se estabelecer em território brasileiro e deixaram alguma contribuição étnica, embora restrita.

A miscigenação no Brasil deu origem a três tipos fundamentais de mestiço: **Caboclo** = branco + índio; **Mulato** = negro + branco; **Cafuzo** = índio + negro.

Indagam-se, agora, quem eram os povos que formaram a população brasileira. Eles eram assim<sup>3</sup>:

a) **Branco** – são povos europeus, na maior parte portugueses, que trouxeram um complicado caldeamento de lusitanos, romanos, árabes e negros, que habitaram Portugal. Os demais grupos, vindos em grande número para o Brasil, em diversas épocas italianos, espanhóis, alemães, eslavos, sírios também tiveram mestiçagem semelhante. A partir de então, a migração tornou-se mais constante. O movimento de portugueses para o Brasil foi relativamente pequeno no século XVI, mas cresceu durante os cem anos seguintes e atingiu cifras expressivas no século XVIII. Embora o Brasil fosse, no período, um domínio de Portugal, esse processo tinha, na realidade,

---

<sup>3</sup> Informações retiradas do site: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-populacao-brasileira/historia-da-populacao-brasileira.php>

sentido de imigração. Assim, o Brasil é o país de maior população branca do mundo tropical.

**b) Negros** – povos africanos trazidos para o Brasil como escravos, do século XVI até metade do século XIX (1850). Vieram destinados à lavoura canavieira, à mineração e à lavoura cafeeira. Pertenciam a dois grandes grupos: os sudaneses e os bantos. Os primeiros, geralmente altos e de cultura mais elaborada, foram, sobretudo, para a Bahia. Os bantos, originários de Angola e Moçambique, predominaram na zona da mata nordestina, Rio de Janeiro, Minas Gerais. Por fim, os africanos espalharam-se por todo o território brasileiro, em engenhos de açúcar, fazendas de criação, arraiais de mineração, sítios extrativos, plantações de algodão, fazendas de café e áreas urbanas. Sua presença projetou-se em toda a formação humana e cultural do Brasil, com técnicas de trabalho, música e danças, práticas religiosas, alimentação e vestimentas.

**c) Índios** - os indígenas brasileiros pertencem aos grupos chamados paleoameríndios, que provavelmente migraram em primeiro lugar para o Novo Mundo. Estavam no estágio cultural neolítico (pedra polida). Agrupam-se em quatro troncos lingüísticos principais: 1 - tupi; 2 - jê ou tapuia; 3 - caraíba ou karib; 4 - aruaque ou nu-aruaque. Há, além disso, pequenos grupos lingüísticos, dispersos entre esses maiores, como os pano, tucano, bororo e nhambiquara. Atualmente os índios acham-se reduzidos a uma população de algumas dezenas de milhares, instalados, sobretudo, nas reservas indígenas da Amazônia, Centro-Oeste e Nordeste.

Os principais grupos de imigrantes no Brasil são portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses, que representam mais de oitenta por cento do total. Até o fim do século XX, os portugueses aparecem como grupo dominante, com mais de trinta por cento. São os italianos, em seguida, o grupo que tem maior participação no processo migratório, com quase trinta por cento do total, concentrados, sobretudo, no estado de São Paulo, onde se encontra a maior colônia italiana do país. Seguem-se os espanhóis, com mais de dez por cento, os alemães, com mais de cinco, e os japoneses, com quase cinco por cento do total de imigrantes. Toda essa gente também participa do processo de mistura racial no Brasil.

Assim, nós brasileiros, segundo Darcy Ribeiro, “somos um povo sem ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem

jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo”. Do branco, negro e do índio juntaram-se os mestiços na composição étnica da população brasileira, representados pelos caboclos (descendentes de brancos e ameríndios), mulatos (de brancos e negros) e cafuzos (de negros e ameríndios). E essa mistura de raças resultou, como sabemos, na composição do povo brasileiro.

O que mais chama a atenção no debate sobre as raças é justamente a conclusão de que se trata de um processo cujas marcas ainda não cicatrizaram. A maior prova de que o brasileiro ainda carrega as marcas de seu processo colonizador é o preconceito racial que por gerações foi praticado nessas terras, chegando ao absurdo de considerar o caráter de uma pessoa pela sua cor. Na discussão das etnias, o branco é sempre o que reúne mais privilégios, o negro é o que carrega mais preconceitos e o índio, apesar de terem-lhe criado forçosamente a figura de herói, é o que mais vem sofrendo um processo de apagamento na história do País.

Essas questões precisam ser discutidas, primeiramente para que se consiga compreender os papéis sociais de cada um nessa nação e de posse disso, assimilar a herança desse processo, pois ainda hoje o preconceito racial existe no País, embora revestido por uma outra característica, uma vez que diante do novo perfil temporal que hoje vivemos com o advento da modernidade, as novas gerações tem entrado em um processo contrário à toda a história praticada até então: Se antes existiam diversos fatores de segregação há hoje uma liberdade ilimitada que propõe a aproximação de todos, independente de cor, opção sexual, situação econômica, nível escolar e outros.

Dentro desse processo, são criadas várias estratégias para derrubar os preconceitos sociais existentes e focar no humano que existe em cada um. É claro que há nisso um processo contraditório, pois mesmo com esse novo perfil de civilização há ainda muito preconceito encoberto nas atitudes veladas do cotidiano. Talvez até inconscientemente o brasileiro não perceba que cristalizou conceitos e que agora, mesmo com um discurso que tenta acompanhar a realidade dos Países mais expansivos, ainda continua a manter o negro como personagem periférico, o branco como o superior e o índio como exótico. O fato é que o Brasil vive um processo transitório em que as marcas de um processo colonizador que sustentou por séculos práticas “primitivas” não cabem mais no perfil contemporâneo de mundo, e torna-se cada vez mais urgente

superar essas marcas. A grande verdade é que, no Brasil, os conflitos com suas raízes são constantes e evidências de um País que ainda não percebeu seu valor diante das diversidades.

APRESENTAÇÃO DA ALEGORIA NA DESCONSTRUÇÃO DO HEROI  
BRASILEIRO

As diversas abordagens articuladas a partir da leitura de Macunaíma, só podem assim ser abordadas porque constituem um jogo de metáforas manifestadas na literatura como configurações, que mesmo pertencendo ao universo fictício, não se limitam ao seu campo narrativo e transcendem para então atribuir um novo efeito de sentido a um mesmo objeto. Ao se referir a esse processo, Benjamin ressignifica<sup>4</sup> o conceito de alegoria e aponta que no mundo histórico as coisas deixaram de ter sentido em si próprias ao dizer que a alegorização acontece essencialmente como fragmentação. (1984, p.5)

Descrevendo a alegoria como processo de constituição de sentido, Benjamin (1984 p. 16,17) ressalta a arbitrariedade, o princípio da subjetividade: “Cada pessoa, cada coisa, cada relação pode significar qualquer outra. Essa possibilidade profere contra o mundo profano um veredito devastador, mas justo: ele é visto como um mundo no qual o pormenor não tem importância.”

Para Benjamin, o alegorista aponta as condições específicas sob as quais as coisas serão capazes de adquirir novo significado no mundo histórico e propõe a libertação da coisa em seu contexto funcional, no qual não tem sentido próprio, mas somente como parte dum todo, como elemento desse contexto. E ainda diz:

“Arrancando as coisas do seu contexto e colocando-as em novos e diversos contextos, o alegorista, com sua descontextualização e recontextualizações arbitrárias, indica que o sentido atribuído à coisa do contexto específico não é o original e inato, mas um sentido arbitrário. (1984, p. 6)

Ao pensarmos em Macunaíma, podemos pensar em Mário de Andrade como um alegorista diante de sua esfera ficcional pronta a ser ressignificada. Mário constrói, como já citado diversas metáforas, que compõem uma grande alegoria, ao recriar o universo ficcional em pleno diálogo com a sociedade brasileira. Para Veloso, Mário é um ator que encarna e personifica a figura do homem público, a partir da luta que empreendeu para a construção e implementação de um projeto coletivo de âmbito nacional, perseguindo sua missão de tornar o brasileiro um cidadão consciente, participe do projeto de construção da nação. (1999, p. 112)

---

<sup>4</sup> Benjamin faz diferença entre a alegoria no romantismo e no barroco em sua obra O drama barroco...

Nesse sentido ele cumpre o que Benjamin antecipava, quando tira as coisas de seu sentido em si mesmas e como fragmentos lhes atribui novo sentido, em um processo de desconstrução da sociedade moderna para uma posterior construção, agora já com elementos “resgatados” de uma mera existência fechada em si mesma. No próprio título da obra observamos a colocação de um elemento inesperado, que irá conduzir o efeito de sentido que permeará toda a obra.

O primeiro elemento desconstruído na obra é logo, o personagem principal, Macunaíma. Anunciado como o herói sem nenhum caráter cria uma expectativa contrária ao que se poderia esperar de um herói representando sua nação. Esse herói, não contente já em sua ausência de caráter passa toda sua trajetória negando a sua própria sentença e deixando perplexo o leitor diante de sua total falta de modos e excessiva energia cômica.

Ao apresentar Macunaíma como o herói sem nenhum caráter, Mário está apresentando um símbolo social invertido. Dos heróis espera-se no mínimo algum caráter, e espera-se a glória, as conquistas, a honradez. Macunaíma não alcança nada disso, ao contrário, seu final é triste e solitário. Em sua trajetória há derrotas, perdas que lhe marcam profundamente. Mas então, diante de um comportamento visivelmente deslocado eis que se apresenta então, justamente por assim ser, uma nova figura a ser avaliada, um herói cômico que se diverte com a própria condição e satiriza todos ao redor em completa afirmação de si mesmo.

Não por acaso a figura desse herói é um ser que nasce índio e depois de banhado num rio, fica branco, loiro e de olho azul. Não por acaso Macunaíma é irreverente ao extremo, sensual em descontrole. Macunaíma é desajustado porque assim tinha que ser para ilustrar exatamente, por meio de uma aparente deformidade aquilo que implicava ter experienciado toda sua trajetória. Mas Macunaíma não está sozinho nessa desconstrução alegórica.

Para ressaltar a crítica das três raças, temos na obra de Mário, a alegoria de Macunaíma, Maanape e Jiguê, irmãos na narrativa que alegoricamente representam a formação do brasileiro, representando portanto, o europeu na transformação de Macunaíma, o africano na pele de Jiguê o irmão feiticeiro e Maanape o irmão que nasce e morre índio.

“Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossível por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco de irmã espedaçada, pulavam aos cachos pra fora d’água metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa

lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que-nem a marca dum pé-gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém, a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou: — Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz. Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifava toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou: — Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!

É interessante notar dois processos imbuídos nessa parte da narrativa. O primeiro trata da transformação dos personagens em seres alegóricos, cada qual passando a representar as raças já citadas. Outro processo, no entanto, foi bem observado por Antonio Paulo Graça ao enxergar na submersão das águas, já a inserção de uma prática do europeu. Paulo Graça afirma que, quando o herói de nossa gente se banha na água sagrada, a água do batismo cristão primitivo, está convertido. Ou seja, não se trata apenas de transformação física, mera mudança mágica em seu estereótipo. O lavar-se nas águas é um mergulho nos novos costumes que teria que lidar dali por diante e como continua Paulo Graça, as águas batismais lavaram o pretume que tanto pode ser o da alma quanto o da cor mesmo.

Macunaíma então, passa a lidar com os problemas dessa transformação ali mesmo no momento da mudança. Como diz Paulo Graça:

“Converso e embranquiçado, Macunaíma despertou a inveja dos irmãos. Jiguê se joga na água, mas só consegue ficar moreno. Maanape nem isso, apenas avermelhou a palma das mãos e dos pés. Para espanto geral da natureza, saem os três irmãos: um louro, um moreno e um negro índio. Mário de Andrade assim elabora uma paródia devastadora sobre o mito da democracia racial.” (1998, p. 136)

Macunaíma de fato está transformado e a convivência com a diferença dos irmãos não é nada harmônica, assim como também a história comprova que não foi a dos três povos por eles representados, no entanto, o plano da conversão cristã de Macunaíma é contestável, ressaltando ainda mais o que se tinha por conversão na época da colonização. Em outro trecho do livro, assim está:

“Nesse tempo, veio pedir pousada na pensão o índio Antonio, santo famoso com a companheira dele, Mãe de Deus. Foi visitar Macunaíma, fez discurso e batizou o herói diante do Deus que havia de vir e tinha forma nem bem de peixe nem bem de anta. Foi assim que Macunaíma entrou para religião Caraimonhaga que estava fazendo furor no sertão da Bahía.” (1998, p. 111)

Antonio Paulo Graça aponta para o fato de que a religião Caraimonhaga era grande heresia e afirma que a passagem, representa uma espécie de elogio herético e uma rebelde negação do Cristianismo, uma resistência, ao que parece bastante consciente, de repetir a cena da conversão no romance indianista. Mais uma vez, Mário de Andrade busca, antes de tudo, uma antipoética do genocídio, uma desconstrução de estratégias cristalizadas, aparentemente inocentes, mas malélicas e conformistas em profundidade. (1998).

Mário de Andrade retoma a passagem do batismo para ilustrar uma prática constante com índios e negros à época da colonização. Os europeus acreditavam que ao batizarem os índios, estavam de certa forma transformando-os em um dos seus, no entanto, as reações a essa conversão não eram das mais satisfatórias. A fé cristã foi imposta aos índios como única alternativa de existência, mas havia os que diziam aceitar um cristo quando na verdade continuavam guardando sua fé somente consigo. Isso acontecia bastante também com os africanos, de crença tão fortalecida que permaneceu no Brasil como testemunho de sua força.

Há diversas outras passagens na obra que ilustram os processos alegóricos ressignificados ao longo do texto e de cada uma delas é possível obter um significado novo a partir do olhar de Mário de Andrade. Cabe-nos portanto, compreender em cada uma os efeitos da alegoria e o alcance de seu olhar, diante de um retrato moderno que busca resgatar uma história que nem ao menos assentou suas bases. A intenção desse processo, segundo Benjamin é a de compreender, o homem diante da situação de fragmentada efemeridade histórica, de onde afirma que a alegoria se impõe como a figura expressiva mais adequada nessas condições.

Com Foucault, aprendemos que a história não possui causa única, razão progressiva, nem sujeito fundador. Ao colocar em Macunaíma os conflitos da colonização coloca-se nele também os conflitos da modernidade. Ao resgatar traumas coloniais, Mário de Andrade está trazendo à reflexão a verdadeira história de formação do povo brasileiro e ao introduzir esses elementos até então “puros” em contraste com o urbano e todas as suas patologias, convida o povo a pensar nos dramas que se estendem em suas relações sociais e dessa forma o obriga a refletir sobre a sua própria

existência dentro desse processo. Conhecer o passado, como disse Walter Benjamin, pode ser o início de uma experiência pessoal: reminiscências capazes de gerar iluminações para o presente e utopias para o futuro. ( VELOSO, 1999, p. 27)

## POLIFONIA MACUNAÍMICA: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS TRÊS RAÇAS TRISTES<sup>5</sup>

Para Bakhtin, a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto manifestam-se diferentes personagens que se expressam em um jogo de vozes ideologicamente distintas, que resistem ao discurso autoral. No caso de Macunaíma a polifonia é ainda mais evidente porque se apropriando da alegoria de Benjamin, manifesta as diversas vozes sociais metaforizadas no texto. Essa vozes, como já citado, justificam-se pelo olhar do multiculturalismo e compõem a narrativa de um herói diante da formação de sua nação.

Bakhtin estendeu o conceito de polifonia a todo gênero romance, no qual, para ele ora se orquestram, ora se digladiam linguagens sociais que se impõem ao autor do romance como expressão da diversidade racial que este quer recriar na sua escrita (1999, p. 21). Em Macunaíma, por exemplo, podemos encontrar somente até certo ponto a voz do autor, pois há um momento em que a confluência de outras vozes são tão intensas que já não se sabe quem narra ou quem é lido. Índio Tapanhumas ou selvagem civilizado, negros, brancos ou bichos e florestas, quem conta o quê na rapsódia Macunaímica. Como diz Veloso:

“O lugar das narrativas deve também ser capaz de revelar o “lugar da fala” que circunscreve cada discurso, sua moldura institucional, seu maior ou menor ajuste aos critérios que regem o prestígio e o poder na sociedade, questão que remete à estruturalidade dinâmica caracterizadora do modo de ser do campo intelectual.” (1990, p. 49)

Conseguimos assimilar as diversas vozes sociais presentes na narrativa e identificar o “lugar da fala” citado por Veloso, o que nos permite também compreender os mecanismos utilizados para compor o discurso da narrativa. Esses discursos, segundo a autora, são observados em circulação, entranhados no tecido social. Surgindo em série, ao mesmo tempo que outros, nem isolados nem neutros, são reveladores das identidades sociais dos grupos: sua posição hegemônica ou não-hegemônica, suas vinculações com correntes de idéias contemporâneas e seu diálogo com as tradições. (1999, p. 54 ).

Em Macunaíma, o que impressiona são as identidades que se revelam partindo da união dos povos que estreitaram e anularam suas raízes, ao serem lançados para

---

<sup>5</sup> Conceito utilizado por Octávio Ianni na obra “Ideia de Brasil Moderno”.

cumprir interesses econômicos de um agente dominador. Caio Prado Junior atesta ao dizer:

“ Se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economias brasileiras. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura bem como as atividades do país. Virá o branco europeu para especular, realizar um negócio. Inverterá seus cabedais e recrutará a mão de obra que precisa: indígenas ou negros importados. Com tais elementos, articulados numa organização puramente produtora, industrial, se constituirá a colônia brasileira. Este início, cujo caráter se manterá dominante através dos três séculos que vão até o momento em que ora abordamos a história brasileira, se gravará profunda e totalmente nas feições e na vida do país. Haverá resultantes secundárias que tendem para algo mais elevado; mas elas ainda mal se fazem notar” (1942, p. 26)

Ou seja, todo o romantismo que permeou a história desse País é amplamente desconstruído na fala do teórico e nos faz perceber que não há nada de bonito no processo de colonização do País. Importante ressaltar que ao retomar constantemente as marcas do processo colonizador, não se quer sua causa primeira ou sua origem, mas sim percebê-la em sua concretude histórica como um fenômeno capaz de explicar muito do modo de ser de nossa cultura e seus “males de origem” (VELOSO, 1999, p. 52).

Ainda segundo a autora, a implantação e consolidação do capitalismo nas regiões periféricas apresentam, desde o século XVI, uma densidade histórica cuja especificidade é preciso desvendar, a fim de melhor compreender as práticas culturais que emergiram nas colônias (VELOSO, 1999, p. 53).

Desvendando esse processo como de fato aconteceu torna-se possível, por exemplo, compreender melhor o longo e conflituoso período em que o preconceito racial foi alarmante nesse país. A história construiu a imagem de personagens que serviam muito bem aos intentos burgueses e estes eram manipulados de acordo com o interesse do dominador, como acontecerá bem mais tarde com o índio ao ser elevado a título de herói na literatura brasileira.

Octávio Ianni, no capítulo *Raça e Povo* da obra “A idéia de Brasil Moderno”, começa dizendo que a problemática racial representou desde a independência e continua a representar um fator muito importante para a compreensão de como se forma o povo, visto que é uma problemática que envolve muitas discussões e muito preconceito.

“Em todos os setores da sociedade, no passado e no presente, há sempre um debate sobre a problemática racial. Mais do que os intelectuais,

políticos e governantes, os próprios índios, negros, imigrantes e outros vivenciam situações nas quais as diferenças, hierarquias, preconceitos e discriminações aparecem. Na fazenda, fábrica, escritório, escola, família, igreja, quartel e outros lugares o pluralismo racial brasileiro manifesta-se tanto como caleidoscópio como espaço de alienação”

Existem diversas teorias a respeito do perfil das raças, associando mais força física aos negros, mais domínio intelectual aos brancos e apontando uma certa fraqueza aos mestiços, pois uma vez que um indivíduo fosse formado do hibridismo de raças diferentes, perderia o valor de pertencer a uma raça pura. Sabemos, no entanto, que a ideia de raça pura é uma ideia bastante equivocada porque até mesmo nos espaços mais conservadores, não houve como se manter fielmente a distinção de povos ainda que muitos lugares sustentassem esse discurso.

Mário de Andrade ao colocar as figuras dos três irmãos na narrativa, configurou a alegoria das três raças tristes, que formaram inicialmente o cerne que deu vida a toda população que viria, depois de um processo longo a ser chamada de brasileira. No entanto, algumas passagens nos chamam bastante atenção pela forma como foram evidenciadas por Mário de Andrade e pela forma que podem ser interpretadas pelos teóricos.

Algo que chama atenção na passagem em que se percebe a distinção das três raças, é a tendência ao embranquecimento dos personagens, principalmente do personagem principal Macunaíma que inicia a narrativa “preto retinto filho do medo da noite” e na metade da narrativa onde segue a caminho da cidade grande, é feito branco, loiro, de olhos azuis. Sobre este embranquecimento, Arthur Ramos faz um balanço de que:

“Muito tem discutido os novos sociólogos sobre a proporcionalidade desigual dessas misturas, no decorrer dos tempos, acenando para uma “progressiva arianização” ou um progressivo “branqueamento” das populações brasileiras, em virtude do estancamento da entrada do negro e as crescentes afluências do imigrante europeu, e ainda procurando provar o progressivo “branqueamento” das populações mestiças pela reversão ao tipo branco que seria “dominante”, em face das leis de Mendel” (1951, p. 384)

Para o autor, faz-se necessário “Verificar que mestiçagem não acarreta nenhuma degenerescência, ou perda do vigor biológico. Muito pelo contrário, ela é fator de formação dos fenótipos resistentes, de relativa homogeneidade, que estão possibilitando a construção de uma civilização nos trópicos” (RAMOS, 1951, p. 384).

Para compreender como se deu o processo de formação do povo brasileiro é preciso pensar as três raças, cada uma contendo sua personalidade.

O primeiro personagem a ser pensado é o europeu, que veio para cá colonizar os índios e portanto traz consigo a insígnia de dominador. Esse europeu, no entanto, apesar de aspecto físico atraente, por ter traços diferentes dos que até então dominavam a terra *brasilis*, representava a classe social mais baixa de Portugal e chegou aqui com interesses de riqueza muito grande. A promessa do El dorado e todas as possibilidades que ele trazia, impeliu os primeiros portugueses que aqui chegaram a agir com profunda indiferença com os seres que aqui encontrou. Os índios, até então uma comunidade que vivia em harmonia com suas crenças e práticas peculiares, ainda que exóticas, foram retirados abruptamente de seu habitat e passaram a ser tratados como bichos, selvagens, prestando-se a todo tipo de abuso que pudessem servir.

É interessante pensar que esse mesmo ser, levado praticamente à extinção pelas práticas abusivas dos europeus, foi promovido anos depois ao título de herói em diversas obras da literatura brasileira, inclusive em Macunaíma – embora nesse caso sua presença venha para desconstruir toda a farsa que se quis promover ao apresentá-lo, no decurso de outras obras, com características tão distanciadas de sua essência de nativo. Sobre a situação do índio, Ronald de Carvalho nos diz: “O índio foi então promovido a símbolo do País. Mas era visão totalmente idealizada, sem ligação com a vida real da população nativa, então reduzida a parcela minúscula do seu tamanho original.”(CARVALHO, 2002, P. 63).

Essa tendência da literatura em idealizar o índio, vem de uma estratégia canônica, pois dos três elementos fundadores, o negro não servia para ser o herói nacional, pois era o escravo e o europeu também não, pois era o colonizador. Daí que foi construída a imagem de um índio, criado para compor uma imagem ideal do elemento fundador, no entanto, dentro dos limites favoráveis aos interesses da burguesia.

Aliás é essa mesma burguesia que move todos os valores da sociedade brasileira desde os seus primeiros passos enquanto nação, e segue atropelando comunidades inteiras sempre em busca de seus interesses. Para ilustrar bem isso, nada é mais forte no Brasil que o envolvimento do Negro no processo histórico de colonização do Brasil. É preciso que se saiba, que o processo de colonização no Brasil teve como pano de fundo,

o tráfico negreiro, com escravos vindos do continente africano para servir aos interesses econômicos europeus.

Na Europa, como em outros territórios, o meio regular de colonização de portugueses e espanhóis era o tráfico, principalmente o negreiro e este tráfico abasteceu durante mais de dois séculos diversas colônias e possessões, como as holandesas, francesas e inglesas, no entanto, nenhum lugar teve mais força no tráfico negreiro que Portugal já que este País mantinha o domínio exclusivo da África Colonial. Sobre o processo histórico do Negro no Brasil, sabe-se que:

“No Brasil, o elemento negro começou a ser introduzido com os principais engenhos de açúcar de São Vicente. Para alguns historiadores, os escravos africanos aqui chegaram com Martin Afonso de Sousa em sua expedição de 1532. Durante quase 50 anos este tráfico foi regular, e em 1583 realizou-se o primeiro contrato para a introdução da mão de obra africana no Brasil, assinado entre Salvador Correia de Sá, governador da Cidade do Rio de Janeiro, e São João Gutiérres Valéria. Um século mais tarde já havia nas lavouras brasileiras 50 mil escravos negros, a maioria em Pernambuco. Em 1755, o Marquês de Pombal criou a Companhia Geral do Comercio do Grão Pará e Maranhão e, em 1759 a de Pernambuco e Paraíba, as quais introduzindo grande número de negros africanos fomentaram o progresso material do Nordeste brasileiro.” (SOUZA, 2009, p. 37)

Ainda que por muitos anos se quisesse negar as marcas da presença do negro no País, ela configurou grande parte das características essenciais do que hoje somos e ao invés de subjugar-la, é necessário que se tenha consciência da dívida histórica que temos com os negros além de reconhecer neles muitas das características positivas herdadas pelo povo brasileiro. O negro é forte fisicamente mas é ainda mais forte culturalmente e grande parte dessa cultura, foi absorvida pelos brasileiros chegando a um ponto de muitos não saberem que a origem de um ritmo ou uma comida, pertencem a eles – filhos primeiros da África e não a nós.

Ao apresentar os três - negro, branco e o índio em sua narrativa, Mário de Andrade além de problematizar a confluência das raças também dá a elas uma voz – algo que lhes foi negado por séculos na sociedade brasileira. Maanape e Jiguê estão lado a lado todo o tempo com Macunaíma na trama e cada um traz suas características identitárias.

O autor do romance polifônico não define as personagens e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois as sente a seu lado e à sua frente como

“consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusíveis” como a dele, autor (Bezerra, 2005, p. 195).

Logo, podemos inferir que em Macunaíma os seres são criados em essência para existirem a partir de então como seres autônomos. Há nos personagens uma consciência primeira, que é a consciência do autor, mas à medida que vão se desvelando no percurso da obra desvelam-se também características que nem ao menos o autor soube como construiu, ao passo que se percebe que algumas foram construídas nelas mesmas.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diversas obras foram utilizadas como suporte teórico para sustentar a abordagem delineada pela pesquisa.

Obra de singular valor e de fundamental importância para construir e embasar todo o pensamento da pesquisa foi *Alegoria do drama barroco Alemão*, de Walter Benjamin, que traz em suas linhas um tratado de como se constitui a alegoria dentro de um processo de desconstrução para uma posterior construção e ressignificação com uma nova perspectiva.

A obra *A poética do genocídio*, foi de grande valor para refletir principalmente sobre algumas possibilidades de interpretação da obra até então não encontradas em outras leituras. As reflexões do autor contribuíram para compor o estudo de alegoria proposta, uma vez que apresenta um olhar que será decisivo para esse novo momento da pesquisa.

Obra de fundamental importância para pensar o lugar das raças na formação do povo brasileiro foi *A ideia de um Brasil moderno* de Otavio Ianni que apresenta uma abordagem histórica bastante elucidativa para se compreender como se deu a união dessas três raças e compreender os reflexos das ações sociais na dinâmica do país.

Darcy Ribeiro continuou colaborando com a obra *O povo brasileiro*, uma vez que a obra vem sendo utilizada desde o primeiro projeto por desenvolver um estudo bastante amplo sobre todo processo colonizador que aconteceu no Brasil além de refletir sobre as inúmeras variações que se deram aqui a partir desse momento.

Na obra *Leituras brasileiras, Itinerários no pensamento social e na literatura* de Mariza Veloso e Angélica Madeira, há um debate sobre as contribuições da literatura na discussão da problemática da formação além de diversos debates sobre o campo intelectual que se formou no Brasil e suas principais características.

Outras obras foram acrescentadas ao longo da pesquisa como *Introdução à Antropologia Brasileira* de Arthur Ramos que traz uma reflexão sobre o processo de embranquecimento no Brasil e *A formação do Brasil contemporâneo* de Caio Prado Junior, também refletindo sobre o desenvolvimento do país desde a implantação de suas bases até o momento em que a obra foi escrita. Além destes, foram lidos diversos artigos para complementar a pesquisa, todos eles buscando problematizar a formação do povo brasileiro a partir do viés escolhido e proposto no objetivo do projeto.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta de renovação da pesquisa foi bastante satisfatória em seu desenvolvimento, uma vez que conseguiu alcançar as respostas que procurava desde o início, ainda em seu primeiro projeto. Se por um lado a busca por uma identidade nacional homogênea apresentou-se totalmente inviável, ainda que Mário de Andrade proponha uma unidade a partir da diversidade, o estudo do multiculturalismo a partir da obra *Macunaíma*, partindo da compreensão das três raças que formaram o povo brasileiro, foi bastante oportuno, pois possibilitou a compreensão de diversas passagens da rapsódia e conseqüentemente melhor compreensão também do contexto em que esta estava inserida.

A escolha por analisar a leitura da obra pelo viés da polifonia e da alegoria foi também, bastante positiva para a construção do suporte teórico da pesquisa uma vez que por meio dessas abordagens, tornou-se possível elucidar os mecanismos utilizados pelo autor ao compor sua narrativa.

Com o desdobramento da pesquisa muitos questionamentos sobre o processo de formação do povo brasileiro foram esclarecidos, uma vez que neste novo projeto houve um direcionamento teórico mais abrangente sobre a questão das identidades criadas em contextos sociais divergentes e asseguradas pelo novo perfil temporal existente hoje. Também corroborou nesse processo um olhar mais atento para o discurso do próprio autor Mário de Andrade, compondo um elemento a mais nas análises realizadas.

Na leitura sobre alegoria foi possível identificar na obra diversas passagens críticas criadas por um intelectual que muito pensou a sociedade brasileira. Em *Macunaíma* percebemos uma revêlia dos intentos da época, por desconstruir a linguagem rebuscada, a imagem do índio civilizado. Mário escrevia como falava a sua gente e não fazia isso aleatoriamente. Por tratar-se de obra que falava sobre o povo brasileiro, precisava fazer com que essa obra dialogasse também com esse povo e ao recriar a fala de sua gente, recriou também a forma de fazer literatura. No uso do índio a emblemática é ainda mais provocante, pois ao criar *Macunaíma* com todas as imperfeições de um bom selvagem, Mário desafia os grandes da literatura, incapazes de criar um personagem irreverente com tanta ousadia e tanta verossimilhança.

Já na leitura da polifonia Mário de agiganta, pois ao dar voz aos personagens da narrativa, dá voz também aos inúmeros “personagens” silenciados ao longo da história

desse país. Etnias inteiras subjugadas em seu próprio habitat e romantizada pelos interesses da burguesia, podendo agora simplesmente existir, ainda que em uma representação fictícia. As muitas vozes sociais existentes em Macunaíma misturam-se primeiro para então poderem ser ouvidas cada um em sua distinção. Macunaíma é vários, é verdade. Ora índio, ora branco é ser decadente em busca de sua Muiraquitã, mas Maanape é ele mesmo, do início ao fim assim como é Jiguê, Ci, Pietro Pietra Pietra e todos os outros na narrativa.

Por fim, Macunaíma também se revela ele mesmo, ainda que marcado por uma trajetória que o fragmenta como sujeito, ao final quando vai procurar exilo em uma estrela solitária. Ele compreende que a busca é incessante e está apenas no início. Não se trata de perder ou desistir, mas de reconhecer que é necessário tempo para pensar. Pensar a trajetória antes de continuar nela se arriscando de forma desenfreada e nesse pensamento, reencontrar novamente o que lhe dá sentido de viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após diversas discussões a partir da obra *Macunaíma*, o que fica é uma enorme reflexão sobre as bases que constituiu e os alicerces que sustentam a existência e a própria vida do povo brasileiro. Pensar a identidade de um povo é nesse caso, um pretexto teórico para se pensar a liberdade desse povo. Mário de Andrade ao construir *Macunaíma* deu ao povo brasileiro um testemunho de sua luta, narrada até então pela voz do dominador e repleta de lacunas essenciais para se compreender o seu processo de vida em sua essência.

As leituras aqui desenvolvidas foram fundamentais não só para enxergar a colonização como de fato foi, mas principalmente olhar a sociedade contemporânea brasileira apesar do que ela é. Se pensarmos que as bases desse país foram implantadas para fins inteiramente econômicos e que os homens aqui lançados eram marionetes prontas para cumprir ações com interesses da burguesia torna-se inacreditável olhar para um povo que assumiu uma nova essência, resistindo ao caos de sua origem.

É consensual pensar no brasileiro como ser afável, alegre, dono de um “jeitinho” que tudo resolve, e mantenedor de um ritmo sempre vibrante. Ao se pensar no Brasil, mesmo com todas as mazelas de uma metrópole diante da violência, problemas na saúde e na educação, além da corrupção recordista é inevitável pensar também em um Brasil que de norte a sul abriga peculiaridades que encantam a toda gente. É no mínimo inquietante refletir sobre um povo que desafia todas as probabilidades ao sair de um processo de colonização altamente violento, onde grande parte dos seus verdadeiros nativos foram dizimados pela mão de um colonizador e que ainda assim consegue admirá-lo e conviver sem restrições.

Esse povo que absorveu a língua do colonizador, sua bandeira, mas que a partir desses elementos de nação está criando a sua própria bandeira e a sua própria linguagem, pois já há quem fale português-brasileiro, uma língua com caráter muito mais fluido que a língua de origem. Há quem diga que o Brasil é uma colônia que deu certo. Portugal enfraqueceu, vítima da própria existência. É hoje e já algum tempo, mais um país europeu em decadência.

O Brasil que já era grande, cresceu e continua a romper os limites da interpretação histórica e humana. Quando ele cresce, cresce também a sua gente, que apesar de sofrida carrega a beleza de um povo que constantemente supera sua trajetória

e recria uma nova forma de cantar. É nesses momentos de luz que nasce Mário de Andrade, e é nessa hora, que nasce Macunaíma. Só sei que foi assim!<sup>6</sup>

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A alegoria do drama barroco alemão.

ANDRADE, Mario de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Ed. Crítica de Telê Porto Ancona. 1978

BACKTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievsky*, Forense Universitária.

IANNI, Octávio. A ideia de Brasil Moderno. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Maria Veloso. MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários do pensamento social e da literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

SOUSA, Gilda de Melo. *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: duas cidades, 1979.

GRAÇA, Antonio Paulo. *A poética do genocídio*. Rio de Janeiro: Topbooks editora, 1998.

KOTHE, Flávio R. *O cânone colonial: ensaio*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SOUSA, Márcio. *História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2009.

---

<sup>6</sup> Expressão frequentemente utilizada na literatura, que começou com Mário de Andrade no próprio *Macunaíma* e depois foi adotada por outros escritores, como por exemplo Ariano Suassuna.

[http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=824:multiculturalismo-e-identidade-nacional&catid=95:artigos](http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=824:multiculturalismo-e-identidade-nacional&catid=95:artigos). Acessado em 10 de julho de 2014.

RAMOS, Arthur. Introdução à antropologia brasileira 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da Casa do estudante do Brasil, 1951.